

## A SENSUALIDADE NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA



por  
WELIS COUTO

---

**Um estudo crítico da obra de Florbela  
Espanca e a influência do estado novo  
na vida da poetisa**

1999

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	03
1	CONTEXTO HISTÓRICO	05
1.1	A era salazarista	05
1.2	O mundo da poetisa	07
2	CARACTERÍSTICAS DA OBRA	08
2.1	A poesia da sensualidade	08
2.2	Dois poemas	11
3	CONCLUSÃO	13
4	BIBLIOGRAFIA	14

## INTRODUÇÃO

Flor Bela d'Alma da Conceição Espanca nasceu a 8 de dezembro de 1894, em Alentejo, Portugal, filha de Antônia da Conceição Lobo e do republicano João Maria Espanca. Florbela será criada pela segunda esposa de seu pai, Mariana do Carmo Ingleza, que é também sua madrinha. Tem como único irmão, Apeles, mas apenas por parte de pai.

Quando Antônia da Conceição Lobo falece, a família transfere-se para Évora, onde Florbela ingressa no Liceu para dar continuidade aos estudos.

No dia em que completa 19 anos, casa-se com o colega Alberto de Jesus Silva Moutinho, abandona o Liceu e vai morar em Redondo e, mais tarde, volta para Évora, indo residir na casa do pai de Florbela. Começava aí uma tumultuada vida amorosa, que à maneira do pai, é marcada por vários casamentos e separações.

A vida literária de Florbela tem início em 1916, época em que escreve "Trocando Olhares", um conjunto de 88 poemas e 3 contos. Desses manuscritos saíram os livros Trocando Olhares, alma de Portugal, O livro d'Ele e Minha Terra, Meu Amor. Entretanto, não consegue fazer a sua estréia literária, por falta de editor interessado na obra, o que só viria a acontecer três anos mais tarde com a publicação do Livro de Mágoas , coletânea de 32 sonetos, que ela dedica ao seu pai e ao seu irmão, a quem ela considera o seu melhor amigo. A edição de 200 exemplares fora custeada por João Maria Espanca, que também custearia o segundo livro de Florbela: Livro de Sórora Saudade, composto de 36 sonetos.

A ausência do único irmão, a quem ela muito amava, morto no rio Tejo durante treinamento da marinha portuguesa, deixa-a inconsolável e põe-se a trabalhar pela memória de Apeles, produzindo os contos As Máscaras do Destino, publicado em 1931, após a sua morte.

Cansada das agressões sofridas pela mundividência dos portugueses, machistas e conservadores, Florbela Espanca, poetisa, põe fim à vida, na noite de 7 de dezembro de 1930, quando completaria 36 anos de idade, tomando uma overdose de barbitúricos.

A vida avançada para a época, que levava Florbela Espanca, os sucessivos casamentos e separações, além do simples fato de se tratar de uma mulher, dificultava a publicação de suas obras, bem como o reconhecimento dos críticos, o que só viria a acontecer muitas décadas após a morte da poetisa.

## 1. CONTEXTO HISTÓRICO

A monarquia resistiu até 1910, quando o rei D. Manuel II foi destronado. A república, recém-instalada em Portugal forma-se com o governo provisório, sob a presidência do escritor Joaquim Fernandes Teófilo Braga, que põe em vigor uma lei eleitoral concedendo o direito de voto a todos os portugueses adultos e procede à eleição de uma Assembléia Constituinte, em 1911. A constituição é aprovada nesse mesmo ano e assume o poder o primeiro presidente eleito, Manuel José de Arriaga Brum da Silveira.

O governo de Brum da Silveira atacava o monarquismo e perseguia a igreja. Ainda no ano de 1911 as ordens religiosas foram expulsas e suas propriedades confiscadas; aboliu-se o ensino de religião nas escolas primárias e a igreja foi separada do estado. As condições sob as quais católicos e monarquistas eram presos tiveram repercussão no exterior, mas só gradualmente a lei portuguesa foi modificada.

Os republicanos começavam a dividir-se em blocos e o governo da República representava escassa melhoria em relação ao regime monárquico, e em 1915 o Exército começou a mostrar descontentamento. Em 1926 eclodiu um levante militar em Lisboa. A revolta foi sufocada, mas no fim de maio os militares tomam o poder. Neste mesmo ano, o General Antônio Oscar de Fragoso Carmona assumiu a chefia do governo e em março de 1928 é eleito presidente da república, cargo que ocupou até a morte, em abril de 1951.

**1.1 A era salazarista** - Em 1927, Portugal, governado por Carmona é atacado pela oposição revolucionária, o que resulta em considerável derramamento de sangue. Para remediar a precária situação financeira do país, propõe-se obter um empréstimo na Liga das Nações, mas as condições oferecidas incluíam a supervisão das finanças, o que foi encarado como atentatório à soberania nacional. Conseqüentemente, o empréstimo foi rejeitado, e Carmona convidou Antônio de Oliveira Salazar para ocupar o cargo de ministro das Finanças, em 1928.

Começava aí o império de Salazar, que viria a assumir vários ministérios. Antônio de Oliveira Salazar, filho de pequenos agricultores, nasceu em Lisboa em 1889 e morreu em 1970. Estudou Direito, formando-se pela Universidade de Coimbra. Tornou-se catedrático de Ciências Econômicas, em 1918, e elegeu-se deputado três anos depois. Pouco depois, entretanto, renunciou-se, devido a sua aversão pelo parlamentarismo. Em 1926, já derrubado o regime parlamentarista, ocupou o Ministério das Finanças, mas renunciou logo depois por falta de liberdade de ação. Passados dois anos, o professor de economia da Universidade de Coimbra, assumia o controle total de toda receita e despesa, ao mesmo tempo em que empreendia uma revisão completa da administração do país.

Como ministro das finanças, através de uma série de medidas, restaura o crédito financeiro nacional; como primeiro-ministro, iniciou um processo para fazer cumprir a nova constituição; como ministro das Colônias, preparou o ato colonial para a administração do império português, e como ministro do exterior, guiou Portugal na solução das dificuldades causadas pela guerra civil espanhola. A partir de 1932, Salazar detém efetivamente todo o poder em suas mãos, mantendo o país sob um regime autoritário durante cerca de 40 anos.

A partir de 1940, Portugal restitui à igreja católica a posse da maioria das propriedades que possuía antes de 1910, restabelece o ensino religioso nas escolas oficiais, autoriza o funcionamento de colégios religiosos particulares e o casamento religioso passa a ser reconhecido.

Quando Carmona morreu, Salazar, de acordo com a constituição, assumiu as funções presidenciais, que exerceu até a posse do general Francisco Higinio Craveiro Lopes, em agosto de 1951.

O regime instituído por Salazar, corporativista e autoritário passou a ser conhecido por "Estado Novo". A partir de 1934, todos os lugares da Assembléia Nacional cabiam aos partidários do governo. Poucos opositores se aventuravam a candidatar a uma vaga na Assembléia.

O governo de Salazar foi conturbado pelos levantes das colônias ultramarinas, Angola, Moçambique e Guiné, que insurgiam contra a metrópole, obrigando a Portugal manter grande contingente armado naquelas regiões. No fim da década de 1960, havia aproximadamente 120.000 soldados portugueses aquartelados naquelas três províncias ultramarinas, na tentativa de conter a expansão dos movimentos nativistas, de orientação ideológica diversa.

Em janeiro de 1961 um grupo de insurretos antisalazaristas, chefiados por Henrique Carlos da Mata Galvão, apoderou-se do transatlântico português Santa Maria, quando navegava para o Caribe. O ataque fora planejado para coincidir com os levantes nas colônias portuguesas, mas nenhuma rebelião se concretizou e os insurretos obtiveram asilo político no Brasil. Em 1962, uma revolta militar, porém de pequenas proporções, foi esmagada em Beja.

Em 1968, após 36 anos como primeiro-ministro, Salazar sofreu um acidente vascular cerebral e foi substituído pelo jurista e político Marcelo Caetano. No governo deste, começaram tímidas medidas liberalizantes, entretanto o problema das guerras africanas se agigantava e consumia cerca de 40% do orçamento do país. A insatisfação dos jovens oficiais ia aumentando com a ditadura.

A derrubada do governo ditatorial somente vai ocorrer em 1974, pelo Movimento das Forças Armadas, no episódio conhecido com revolução dos cravos, época em que o general Antônio de Spínola torna-se presidente da república e chefe da Junta de Salvação Nacional.

**1.2 O mundo da poetisa** - A época em que viveu Florbela é atravessada por acontecimentos decisivos para o Portugal contemporâneo: a queda da monarquia, os governos provisórios da república, o golpe do Estado Novo com o governo de Salazar.

João Maria Espanca é um ardoroso republicano, porém Florbela não toma posições políticas, até que mais tarde vai declarar-se "anarquista". Tal declaração vai uni-la a Raul Proença, que juntamente com outros intelectuais republicanos editam a revista Seara Nova, que se tornaria o símbolo da resistência ao Salazarismo.

Com a república, o feminismo ganha maior vulto e começam a surgir os grupos feministas que lutam pelos direitos da mulher exercer o papel do voto, pela instrução e pela profissão. Com o advento do Estado Novo em 1926 essas agremiações são dissolvidas. Porém, contrariando o autoritário Salazar, as mulheres portuguesas voltam-se a organizar em 1930 e editam a revista Portugal Feminino, da qual Florbela Espanca foi importante colaboradora no último ano de sua vida.

## 2. CARACTERÍSTICAS DA OBRA

A obra de Florbela passou totalmente despercebida do público quando em vida. A poetisa era mais conhecida pelas suas atitudes pouco comuns para a sociedade da época. Mesmo desconhecida do público leitor, Florbela não escapara aos vorazes ataques do clero que considerou o Livro de Sórora Saudade desmoralizador e pagão. O regime salazarista, autoritário e ditatorial, ia à contramão da poetisa.

Florbela começaria a ser redescoberta após a sua morte, através de uma campanha iniciada pelo Diário de Notícias, apoiado pelas feministas, para angariar fundos com o intuito de erguer um busto da poetisa nos jardins de Évora. O fato transformou-se em uma bandeira anti-salazarista e a polémica que durou quase duas décadas angariou aliados famosos em prol da poetisa, dentre eles o crítico Jorge de Sena e José Régio, que em 1946 fizeram um estudo crítico da obra de Florbela Espanca.

Fernando Pessoa, um dos maiores poetas portugueses, teria dedicado um de seus poemas a Florbela Espanca. Para Pessoa, Florbela era alma sonhadora/Irmã gêmea da minha" e o poeta conclui, "Assim como eu", Florbela também criava "mundos novos".

Dessa época em diante, vários e sucessivos estudos são feitos sobre a trajetória e a obra de Florbela, bem como o reconhecimento através de escritores que lhe dedicam seus trabalhos.

Para Jorge de Sena, o mundo em que viveu Florbela não sabia entender a feminilidade, em cuja obra Florbela estampa o ideário do destino feminino, sua libertação, e sua linguagem que não pode ser ouvida. O suicídio da poetisa é interpretado como um pedido de demissão apresentado inoportunamente. Para Jorge de Sena, Florbela apenas exercera o seu direito de escolha, farta de aturar os direitos gerais.

**2.1 A poesia da sensualidade** - A ousadia de Florbela Espanca não se resumiu à sua vida e seus amores. Florbela ousou também na poesia, transplantando



para esta o desejo das mulheres dos salões que continham o seu fervor, a sua volúpia, o seu erotismo e se portavam submissas às vontades dominantes dos maridos, embora intimamente existisse o desejo incontido de transgredir as leis da sedução. A poetisa não se intimida pela presença e domínio masculinos e mergulha no prazer de

"Amar, só por amar: Aqui... além  
Mais Este e Aquele, e Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!"

Amar como amou a poetisa, sem perder a identidade, de deixar de ser mulher para se entregar às vontades do marido; amar com zelo, mas amar racionalmente, o que Florbela soube fazer em uma vida de muitos amores que, embora dependente financeiramente dos maridos, a poetisa nunca perdeu a vontade própria, nem deixou que o seu ideal fosse norteadado por outro, que senão ela mesma.

Voltando, porém à primeira fase da poesia de Florbela, encontramos uma poetisa menos contida, que entrega de corpo e alma a um amor-fantasia. É o que podemos ver nessa quadra de um lirismo exacerbado:

"Não há amor nesse mundo  
Como o que eu sinto por ti,  
Que me ofertou a desgraça  
No momento em que te vi!"

Os versos mostram a poetisa que surgia em Florbela Espanca ainda sentindo o frescor da presença romântica. Voltemos, contudo, à fase já amadurecida onde a poetisa, sedutora, decantando os seus dotes amorosos convida o amado para os seus braços, que ao modo de uma teia de aranha, retê-lo-á docemente. Entretanto, a poetisa não propõe devorá-lo, mas, amá-lo eternamente.

"Os meus braços são brancos como o linho  
Quando os cerro de leve, docemente...  
Oh! Deixa-me prender-te e enlear-te  
Nessa cadeia assim eternamente!..."

Florbela inverte o centro do amor em uma época em que a poesia é escrita por homens e a estes, sim, cabe cantar o amor. Ela coloca toda a sensualidade feminina e, com um erotismo docilizado deixa fluir a poesia do mais belo canto.

"Vem para mim, amor... Ai não desprezes  
A minha adoração de escrava louca!  
Só te peço que deixes exalar  
Meu último suspiro na tua boca!..."

A poetisa tem ainda a certeza de que seu amor é mais forte e poderoso do que todos os outros. Mesmo sabendo que a pessoa amada dormirá em outros braços, consola-lhe a certeza de que nunca ele encontrará amor igual ao dela. Aqui temos retratado o amor puro da poetisa, aquele que fica para sempre presente na alma amante, e o amor das demais mulheres é transformado em amor comum, passageiro.

"Por essa vida fora hás de adorar  
Lindas mulheres, talvez; em ânsia louca,  
Em infinito anseio hás de beijar  
Estrelas d'ouro fulgindo em minha boca!  
(...)  
Mas nunca encontrarás p'la vida fora,  
Amor assim como este amor que chora  
Neste beijo d'amor, que são meus versos!"

Entretanto, há momentos em que a poetisa parece retomar a sobriedade e pede cautela ao coração. Provavelmente analisando o mundo adverso em que vivia em uma sociedade duramente machista, ela pede ao seu coração para que não obedeça às suas vontades, pois o amar demais pode não valer o prazer de uma saudade. A realidade, dura, poderá, também, não lhe conceder o direito de tanto amar, pois

"Meu doido coração aonde vais,  
No teu imenso anseio de liberdade?"

Toma cautela com a realidade;  
Meu pobre coração olha que cais!"

## 2.2 Dois Poemas:

### O NOSSO MUNDO

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos  
Como um divino vinho de Falerno!  
Poisando em ti o meu olhar eterno  
Como poisam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...  
O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...  
E a Vida já não é o rubro inferno  
Todo fantasmas tristes e pressagos!

A Vida, meu Amor, quero vivê-la!  
Na mesma taça erguida em tuas mãos,  
Bocas unidas hemos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...  
Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...  
O mundo, Amor!... As nossas bocas juntas!...

(In Livro de Sórora Saudade)

A poetisa torna-se mais intimista e menos guerreira. Agora o que importa na vida é o amor. Degustá-lo qual uma taça de vinho de Falerno. Vê-se que a presença do amado é concreta, pois ela sente o olhar dele a buscá-la. A poetisa procura levar o amado a sentir o mundo da mesma forma que ela o está sentindo, para, assim, esquecer os sonhos alvissareiros, e o rubro inferno que era a vida. A realidade, as ilusões, o mundo e seus orgulhos vãos... nada importa. O mundo é o amor, e o amor é "as nossas bocas juntas".

## DEIXAI ENTRAR A MORTE

Deixai entrar a Morte, a Iluminada,  
A que vem para mim, p'ra me levar.  
Abri todas as portas par em par  
Como asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A deserdada,  
A que prendeu nas mãos todo o luar,  
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar  
E que, ao abri-las, não encontrou nada!

Ó Mãe! Ó minha Mãe, p'ra que nasceste?  
Entre agonias e em dores tamanhas  
P'ra que foi, dizer lá, que me trouxeste

Dentro de ti?... P'ra que eu tivesse sido  
Somente o fruto amargo das entranhas  
Dum lírio que em má hora foi nascido!...

(In Reliquiae)

Neste soneto, como no anterior, vamos encontrar o uso de maiúsculas denotando a marca do iluminismo na poesia de Florbela Espanca. A poetisa mostra-se descrente com a vida, não encontrando motivo algum que justificasse a sua existência e o simples fato de ter nascido. Por isso a morte é bem vinda, a Iluminada, aquela que irá salvá-la das agruras da vida. Essa mesma vida em que nada se concretizou, feita dos sonhos presos em suas mãos e que, ao abri-las, se perdem.

A morte será também o reencontro com a mãe, um lírio que entre agonias dá à luz um fruto amargo.

Não saberia Flor Bela d'Alma da Conceição Espanca, que aquele fruto amargo iria com a sua poesia provocar tanto deleite, despertar tanta estesia e o estudo de sua obra mundo afora.

### **3. CONCLUSÃO**

Florbela Espanca não conseguiu viver no seu próprio tempo, mas sobreviveu a ele. Os regimes totalitários caíram em quase todo o mundo. O salazarismo foi esquecido pelos próprios livros de história. Entretanto a poetisa continua chamando a atenção para a sua obra e provocando dela as mais apaixonantes leituras e interpretações.

Escrevendo uma poesia moderna, cultivou o soneto como forma de expressão, embora a sonoridade de seus versos dispensassem por si a presença do soneto para lhe encetar valor, porém a forma utilizada pela poetisa vem atribuir maior plasticidade aos poemas.

Pôs fim à vida, prematuramente. Mas, Florbela sobreviveu às críticas, aos críticos de época, às injúrias e difamações. A sua obra, cada vez mais viva traz a marca da força e da fúria de uma mulher que lutou, até extenuar-se, pela liberdade e pelo amor.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

- 1 Dal Farra, Maria Lúcia. *Florbela Espanca: Nossos Clássicos*. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- 2 Balsa - Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda. São Paulo: 1997, (vol.11)
- 3 Enciclopédia do Estudante. Abril Cultural. São Paulo: 1974 (vol. 4)